

MONARQUIA



ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO X

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 54

São Paulo, Janeiro-Março de 1965

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Gerente — Olívio DROSCO

Redactor-Chefe — José de OLIVEIRA PINHO

Regimens De mentira

O soviétismo mente sistemática e soberanamente e, por enquanto, ainda não há indícios de que os detentores do poder se deixassem dominar pela mentira a ponto de o instrumento lhes fugir das mãos. O sistema soviético denomina-se ditadura do proletariado, força soviética dos operários, socialismo, democracia, federação de estados autônomos, baluarte da revolução mundial, hegemonia da paz — TODAS ESSAS DESIGNAÇÕES SÃO MENTIRA. Não é proletariado que governa, nem sequer o partido que pretensamente monopolizou a representação dos trabalhadores, mas uma pequena camada de funcionários, que é extremamente exclusivista e se completa por coação. É esta que constitui as poucas corporações realmente detentoras do poder e todas elas estão sujeitas ao "politburó". Ao socialismo soviético falta por completo aquilo que constitui o verdadeiro socialismo: o elemento de liberdade e fraternidade, a estruturação de baixo para cima (que aí é mera aparência); trata-se, em verdade, de um estado capitalista e centralizado, orientado ditatorialmente, com enormes diferenças de salários e sem a mínima oportunidade de transformação revolucionária. A qualidade da democracia soviética revela-se pela verificação de que todo o poder dimana do "politburó". Toda a enorme engrenagem eleitoral soviética, com as suas listas homogêneas que obtêm com segurança os 95% de votos, e os seus "independentes" escolhidos pelo partido, é uma prodigiosa mistificação; um pretexto para a "agitação das massas" e para lançar poeira propagandística sobre a população, a intervalos regulares. O FEDERALISMO SOVIÉTICO É UMA FICÇÃO. A constituição reserva literalmente à "Liga", ao governo central, todas as funções de certa importância e depois de interminável lista destas prerrogativas afirma, semi-ingênua, semi-cinicamente, que cada república de per si tem o direito de se retirar da confederação: concessão destituída de qualquer viabilidade, dada a rígida unidade e centralização do partido.

A revolução mundial que o soviétismo pretensamente afirma esperar É A CONQUISTA DO MUNDO PELAS ARMAS, SABOTADA PELA SABOTAGEM DAS OUTRAS FORMAS DE GOVERNO, COM A AJUDA DO PARTIDO COMUNISTA QUE É A QUINTA COLUNA DO CRENLIM. Nenhuma das adesões ao bloco soviético foi devida a uma revolução popular, conforme reza a versão oficial (Em Cuba foi uma revolução nacional "traída" pelo actual ditador-tirano Castro, que os jornais cinicamente denominam "primeiro ministro"... PN); todos os actuais estados satélites foram, sem excepção, transformados em democracias populares pela violência e pela astúcia. A vontade de paz mundial dos soviets reduz-se ao intenso desejo de provocar a AUTODESVIRILIZAÇÃO DO ADVERSÁRIO POTENCIAL — único meio pelo qual se pode satisfazer ao "ansio de segurança soviético" — enquanto a URSS se arma ininterruptamente e se prepara para "a explosão da revolução mundial" isto é, para o início da conquista da Ásia e da Europa (logo que o movimento da paz mundial as torne indefesas).

O NOSSO ENDERÊÇO
EM VIRTUDE DAS NOSSAS DIFICULDADES
COM CAIXAS POSTAIS, TEREMOS POR ENDE-
RÊÇO, ATÉ POSTERIOR AVISO, O SEGUINTE:
Rua Capitão-Mor Jerônimo Leitão, 108, sobreloja.
S. Paulo — Brasil

Tudo quanto o soviétismo afirma tem unicamente em vista esconder uma realidade que corresponde exactamente ao contrário do que se apregoa. De acôrdo com este estilo, a propaganda soviética interpreta todos os factos SEM O MÍNIMO RESPEITO PELA VERDADE, se necessário fôr invertendo-a totalmente: não foi a Corêia do Norte que atacou a do Sul mas a do Sul que atacou a do Norte, não foi o Crenlim que fechou as fronteiras entre a República Federal Alemã e as zonas soviéticas recusando-se a abri-las, mas as potências ocidentais, não foi a URSS que infringiu as convenções de Lalta, relativas aos regimes democráticos dos estados da Europa central, mas as potências ocidentais que as queriam manter na dependência de fascistas e exploradores, etc. METÓDICAMENTE SE ATRIBUÍRAM AO INIMIGO AS PÉRFIDAS INTENÇÕES QUE SE PREPARAVAM PARA LEVAR A CABO: eis por que é particularmente inquietante que a União Soviética afirme as suas intenções profundamente pacíficas e simultaneamente acuse a Grã-Bretanha e a América de sinistros planos de agressão.

O MAIS ASSUSTADOR DA MENTIRA É O FACTO DE PODER SER ACREDITADA. A possibilidade de se deixar fascinar pela mentira é uma das fraquezas originais do homem; BASTA REPETIR A MENTIRA COM A NECESSARIA FREQUÊNCIA. Reside aí a força da propaganda, até da mais ostensivamente falsa. Observando o que se passa nessas poucas zonas que, embora sob a acção da propaganda dos satélites ou da propaganda soviética monopolítica, ainda são acessíveis pelo lado ocidental, verifica-se que até os opositoristas, que de início repeliem os lemas e a tiradas da propaganda comunista, cuja falsidade e ridículo reconheciam, começaram a ter dúvidas com o correr dos tempos, e, por fim, muitos se deixaram convencer; como se o espirito tivesse de debater-se com os amplexos sufocantes de qualquer monstro e, incapaz de resistir a essa luta e violentado por forças superiores às suas, se deixasse vencer.

É DE SUPOR QUE A VITÓRIA DA MENTIRA PELA PROPAGANDA, SEJA QUASE TOTAL ADENTRO DO SISTEMA SOVIÉTICO. Um insólito facto o indica. A propaganda soviética também, de vez em quando, serve ao estrangeiro falsas afirmações de tão grotesco carácter que só podem suscitar indignação e escárneo (vide as pestes da pulga coreana). Ora, isso não seria possível se os estrategos da propaganda do Crenlim não soubessem que, no seu país, TODA A CASTA DE PATRIANIAS, MESMO AS MAIS FANTÁSTICAS, TIVERAM ACEITAÇÃO. Esqueceram-se somente, e foi esse o seu erro, que no estrangeiro não existe o monopólio da propaganda soviética e que há, pois, possibilidade de lhe opor antidotos e estabelecer confrontos (Por isso os

(Conclusão na última página)

POLÍTICA RURAL AUTÊNTICA

O deposto govêrno de demagogos e gatunos falava continuamente de reforma agrária, sucedâneo por certo de uma lunática política agrária inexistente. Muitos estudiosos sérios, porém, já haviam fartamente estudado o assunto: Pátria-Nova, por exemplo, se começamos em casa. Precioso opúsculo fora publicado em 1946 pelo sr. Paulo Pinto de Carvalho, com o título "Plantando dá...". Dele, hoje raro, extrairemos umas partes onde se vêem a ciência e o bom senso dos que não sonham com doutrinas estupidas, já falidas nos países donde as importam os nossos hotocudós analfabetos... partidários do voto de outros analfabetos...

Tenha a palavra o sensato autor,

POR ONDE COMEÇAR A ASSISTENCIA AO NOSSO HOMEM RURAL?

"A assistência à população agrária constitui, excluindo, naturalmente, a questão política, o problema fundamental do Brasil. Nosso homem rural, nestes quatro séculos (?), não obstante ser o maior contribuinte dos cofres públicos e o criador da riqueza da Nação, tem sido abandonado pelo Estado. Largado à sua sorte, tornou-se presa fácil do mercantilismo fixado na cidade. Por isso, é pobre, ignorante e doente. Enquanto a fertilidade natural da terra permitiu colheitas abundantes, ele teve "sobras" e pôde suportar as privações. Desfertilizada a terra, hoje, sua miséria é tanta que, ao se cogitar de assisti-lo, surge, para muitos, a dúvida por onde se deva começar.

Nosso homem rural é pobre porque é doente, é doente porque é ignorante e é ignorante porque é pobre. Por qual sector poderá ser rompido esse círculo vicioso? Pelo da saúde? Pelo da educação? Pelo da economia?

SERÁ PELO SECTOR ECONÓMICO. VISTO QUE, SEM RIQUEZA, NÃO SE CONSEGUIRÁ EDUCAÇÃO NEM SAÚDE. ALIAS, ISTO É FÁCIL DE COMPREENDER. COMO LEVAR O AGRÓNOMO, O SOCIOLOGO, O ECONOMISTA, PARA AS REGIÕES RURAIS SE NÃO COM O ESTÍMULO DE UMA REMUNERAÇÃO SATISFATORIA? E COMO COMPENSAR ESSES TÉCNICOS HABITUADOS AO CONFORTO, SE O AGRICULTOR MAL GANHA PARA ALIMENTAR-SE E COBRIR A SUA NUDEZ? (Grifos nossos).

Entre nós, assim não se tem compreendido. O sector económico tem sido relegado para segundo plano. Pretende-se encontrar a solução exclusivamente pela assistência à educação e saúde. Semelhante orientação — é o que procuraremos rapidamente mostrar — não nos conduzirá à solução de problema nenhum.

I

No Brasil, mais de 70% de seus habitantes estão disseminados em seu imenso território, ocupados na pecuária e agricultura. Nas cidades, concentram-se além da burocracia administrativa do Estado, inclusive estabelecimentos de ensino e hospitalares, o comércio e a indústria, no trabalho do preparo, transformação e distribuição dos produtos agrários.

Nos países de crédito organizado e cujo comércio e indústria trabalham sob o regime da livre concorrência, há mais equilíbrio na distribuição dos lucros — paridade de preços para os produtos da pecuária, agricultura e indústria. Prosperam as diversas classes, percebendo mais justa e equitativa remuneração por seu trabalho.

ENTRE NÓS ISSO NÃO ACONTECE. Impera o regime da protecção para as maquinofaturas e o do monopólio do comércio. O truste constitui a regra. Desde o sal, o açúcar, os tecidos, as ferragens, a sacaria, até as drogas. Nestas condições, a população do País ficou dividida em duas partes: a rural, em rigor a única produtora de riqueza, e a que a explora e fica com a maior parte dos proventos dessa riqueza: é a que se concentra nas cidades.

Como a renda de toda a população do País é baixa (parece que inferior à dos chineses), justamente porque não é estimulada a produzir, eis que o resultado de seu trabalho é desviado para outros, resulta que a receita orçamentária do Estado não basta para alfabetizar e curar a todos. Quer dizer, CURA-SE E EDUCAÇÃO, NÃO A POPULAÇÃO PRODUTORA, MAS A QUE A EXPLORA (Grifos nossos). A educação e a saúde, assim, servem apenas para aguçar mais as garras do lobo e manietar cada vez mais o cordeiro, mantendo-o na ignorância. Escolas e centros de saúde deveriam existir por toda parte. A falta de recursos resulta em se restringirem às cidades os serviços de educação e saúde. Em consequência, semelhante forma de educar e curar equivale a tornar mais hábil e capaz o "esperto".

II

Para assistir nossa população agrária, o certo seria o Estado ESTIMULAR A ECONOMIA RURAL COM MEDIDAS CAPAZES DE PERMITIR-LHE RECURSOS PARA ATENDER SUAS NECESSIDADES DE MANUTENÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DOS MEIOS DE TRABALHO, DE EDUCAÇÃO E SAÚDE (Grifos

nosso). Iguais necessidades da população urbana seriam atendidas como consequência da prosperidade rural. Havia antigamente uma expressão para definir o reflexo da prosperidade rural na cidade: choveu nas nascentes. Exemplo frisante de que, entre nós, é esta a ordem natural da evolução, nos dá a lavoura cafeeira. Antes de 1929, quando esta lavoura proporcionava lucros, nossa população agrária (fazendeiro, colono, empreiteiro, assalariado), apesar de ignorante, doente e rotineira, conseguiu trazer para o País, pela venda do seu produto ao estrangeiro, o ouro com que S. Paulo e o Brasil puderam comprar dos países mais adiantados tudo que temos hoje, desde os trilhos das estradas de ferro, a maquinaria industrial, até os elementos de cultura, ou seja, ambiente e condições favoráveis à existência e manutenção de escolas e universidades. Se esse ouro, que foi estimular as actividades cidadãs, tivesse sido aplicado para ASSISTIR A POPULAÇÃO RURAL, seja dotando-a de um adequado APARELHO DE CREDITO e da necessária ORGANIZAÇÃO DISTRIBUIDORA DE SEUS PRODUTOS (para vendermos, por exemplo, nosso café nos centros consumidores como os americanos fazem com os seus, em todo o mundo), seja educando-a, seja curando-a, nossa situação hoje seria bem outra, possivelmente como é a da Argentina ou do Canada.

Temos, agora, uma visão panorâmica do problema. Podemos compreender melhor o beco sem saída a que nos conduziu a orientação entre nós vigente. Se o Estado, a despeito de aplicar em benefício da actividade económica, da educação e saúde cidadã, a quase totalidade de sua receita — aquela conseguida à custa da miséria do trabalhador agrário e a provinda dessa própria população — não consegue sequer alfabetizar os habitantes das cidades, como admitir-se reuna ele elementos para curar e educar a população rural — a produtora da riqueza e que representa a grande maioria da Nação?

A solução seria, evidentemente, o Estado procurar, preferencialmente, ASSISTIR A ECONOMIA RURAL — SECTOR ECONÓMICO DE ONDE ELE TIRA A SUA MAIOR RENDA E ONDE EXERCE SUA ACTIVIDADE A MAIORIA DA POPULAÇÃO NACIONAL (Grifos nossos).

III

A PREDOMINANCIA E PRIMAZIA DA ASSISTENCIA ECONÓMICA, TODAVIA, NÃO QUER DIZER AUSÊNCIA DA ASSISTENCIA A EDUCAÇÃO E SAÚDE. Evidentemente, analfabetos enfermos produzem a riqueza com muita dificuldade. Servindo-nos de imagens em voga nestes dias tumultuosos, esclarecemos que a assistência económica será apenas a "cabeça de ponte" necessária para a entrada em acção das "forças" educacionais, visto que a educação constitui elemento essencial ao progresso e à consecução do bem-estar e felicidade — meta final das aspirações do homem. É essa a razão por que AS NAÇÕES ESCLARECIDAS COLOCAM NA PRIMEIRA PLANA DE SUAS COGITAÇÕES O INCENTIVO E PRESERVAÇÃO DE SUAS FONTES DE PRODUÇÃO.

ASSISTENCIA ECONÓMICA, escrevemos alhures e repetimos, é organização bancária, crédito hipotecário e agrícola a juros baixos e longo prazo, para que o pequeno agricultor não apenas compre a terra e a trabalhe livre dos "financiadores" que somente almejam ficar com a sua produção em pagamento da dívida... ; é garantia de preços mínimos para os produtos de primeira necessidade cuja cultura haja necessidade de se estimular... ; é assistência ao produto, seja para sua conservação por meio de armazéns de expurgo e beneficiamento e armazéns gerais nos centros produtores, seja para o seu transporte e distribuição... ; ASSISTENCIA ECONÓMICA É, EM RESUMO, ORGANIZAÇÃO DO CREDITO E DA DISTRIBUIÇÃO. Crédito para libertar o produtor das algemas invisíveis do capitalismo imperialista e distribuição para permitir ao agricultor conservar o produto em seu nome ou no de instituições a serviço de seus interesses (COOPERATIVAS), até a sua entrega ao consumidor nacional ou estrangeiro.

A falta, entre nós, de um tal aparelhamento e, sobretudo, a ineficiência no aplicar algumas das medidas nesse sentido existentes é que POSSIBILITA AOS INTERMEDIARIOS, NACIONAIS E ESTRANJEIROS, FICAR COM OS RESULTADOS DO TRABALHO DO HOMEM RURAL. A INEXISTENCIA DESSES APARELHAMENTOS DE ASSISTENCIA ESCRAVIZA O AGRICULTOR AO COMERCIANTE, AO COMISSARIO, AO BANQUEIRO, AO FISCO. Na organização económica do mundo actual, semelhante falta equivale aos pesos inflexíveis da balança do diabo e a ela se deve, em ultima análise, a implantação e "continuismo" da política dos regimens baseados na força.

Embora seja para admirar-se não se tenha até hoje corrigido falha que tão profundamente afecta a vida do País, FALHA QUE É, APINAL, A CAUSA DA MISERIA EM QUE SE DEBATE A NAÇÃO, a verdade é que ela perfura há quatro séculos.

A razão da "estabilidade" de tão singular situação resulta, a nosso ver, de um lado — da ignorância e FALTA DE FIBRA, PARA NÃO DIZER DE HONESTIDADE DE PROPOSITOS dos responsáveis pelos nossos destinos; e de outro, da IGNORANCIA que têm desses problemas as classes que poderiam contribuir

decisivamente para sua solução — INTELLECTUAIS E FORÇAS ARMADAS.

Nestas condições, não é, pois, de admirar-se que, ao se cogitar de assistir ao nosso homem rural, a assistência económica ao mesmo fique, SEMPRE, relegada para segundo plano.

"O problema fundamental é o da educação — sentenciam uns; "é o da saúde" — clamam outros. "O ensino deve ser obrigatório e gratuito" — concluem os congressos de educação... "Todos têm o direito à assistência médica e hospitalar" — votam os congressos de saúde...

Como realizar estes belos sonhos se a máquina creadora da riqueza — NOSSA ORGANIZAÇÃO ECONOMICA — funciona ainda com as características do tempo em que os brancos traficavam com os incolas?

ENQUANTO NÃO MUDARMOS A NOSSA ORGANIZAÇÃO POLITICA E ECONOMICA de forma a permitir que o homem que lavra a terra obtenha a justa compensação do seu trabalho, todas as recomendações para sua educação e saúde não passam de palavras vãs — poesia para enternecer ingenuos corações sensíveis. Equivale à receita de dieta de maçãs ao que não tem dinheiro para comprar arroz e feijão...

A ASSISTENCIA A POPULAÇÃO AGRARIA DEVE SER INICIADA PELO SECTOR ECONOMICO — unico capaz de romper o círculo vicioso em que se debate impotente e inferiorizada. Próspero, nosso homem rural se educa e se trata. Compra feijão e faz a dieta de maçãs...

Assim falou (e falou optimamente) PAULO PINTO DE CARVALHO.

Mas é bem triste pregar verdades aos homens politicos do Brasil, pelo menos os do Brasil republicano... São geralmente homens de politica... privada! Ou de intelligencia bitolada, permeavel a varios tipos de entreguismos, vermelhos, brancos, roseos...

NOTICIAS DE UM MUNDO SÓ

"MONARQUIA" é continuamente visitada por colegas de todo o mundo cada vez menor. Além de "La Tradición" de Tala, Provincia de Salta (Argentina) em que o bravo P. Le Lay comanda intrépida cruzada, vem igualmente da Nação vizinha Cruzada e Valor. Chega-nos regularmente da França o monarquico combatente "Nation Française", dirigido por Pierre Boutang. Por vezes, nos aparece "Jeune Europe", de Bruxelas, possante baluarte da unidade europeia. "Scala", magnifica revista alemã, em edição luso-brasileira, procede de Frankfurt/Main. Os campeadores carlistas, mestres da Monarquia Orgânica, visitam-nos com a sua densa "Tradición".

Chegou-nos agora também "L'Alleanza Italiana", dos monarquicos catolicos italianos. Dirige-na os srs. Carlo F. D'Agostino, Francesco Firinu e Carlo Tarini. Edita-o o Centro Politico Italiano (Partido Cattolico di Riscossa Nazionale), que lança igualmente muitas publicações doutrinaarias em italiano, espanhol e francez. Campanha admiravel para o resgate de uma Patria traída por tantos, bem o mostra um dos folhetos que nos enviou: "La Democrazia Cristiana: ecco il nemico!" Cá e lá más fadas há.

Gratos a esses e a tantos outros, lamentamos a falta de espaço para atender à comovente amabilidade dos correliogonarios.

LIBERALISMO E DEMOCRACIA

Quando entre nós se quer assinalar o caracter positivo do liberal, imune da ganga revolucionaria franceza, se pensa sempre nas virtudes politicas inglesas. Reforma, tolerancia, medida, liberdade, representação politica, são valores que mantem precisamente os conservadores, em luta contra o radicalismo liberal. Na Inglaterra aprecia-se claramente a distincção de Burke e Disraeli, chamados conservadores, de Bentham, Stuart Mill e Gladstone, caracteristicos liberais. Na França, a polaridade paralela a esta posição inglesa se dará entre tradicionalistas e revolucionarios. De Maistre, Ronald e Luis Veuillot, de uma parte; Rousseau e Gambetta, de outra.

Na Espanha, o uso comum da palavra liberal, sem outro qualificativo, vai inseparavelmente unido, já desde a sua origem nas polemicas de Cádiz, à nota de anti-tradicional. E, desde Mendizabal, recebe inconfundivel marca gravemente anti-clerical. Entre nós, o dizer liberal sem mais induz a crer que se professa o liberalismo de inequivoca significação ideologica rejeitavel para o catolico, dada a sua expressa e reiterada condenação por Roma. E esse o liberalismo tipico que, em nossa literatura filosofica e politica, encontrou recusa total em Donoso Cortés.

Assim pois, apresenta a palavra liberal accepção clara obtida historicamente por opposição a conservador, tradicionalista ou catolico. Pode, todavia, nascer o equivooco porque os conservadores poderiam ser chamados liberais quando a palavra liberal se tomasse com o sentido filosofico empregado por Newman ao expor o seu ideal da formação universitaria: estimacão maxima da liberdade como meio de realizar o ideal humano que a cada um Deus pede. E, na ordem politica, aquela palavra — liberais — poderia também applicar-se-lhes por excepção quando se use para simbolizar o respeito às liberdades individuais reconhecidas pela Monarquia constitucional inglesa e a Constituição americana,

do século XVIII, enraizadas ambas na tradição cristã. Estas ressalvas não podem obscurecer que, no sentido radical (ingles) e jacobino (francês), o liberalismo foi sempre enfrentado pelos conservadores anglo-saxões.

A doutrina dos Pontifices, sem excepção desde Gregório XVI e Pio IX a Pio XII, não deixa lugar a outra interpretação do liberalismo. Se alguma concessão fizeram os papas na utilização dos termos que analisamos, foi com a palavra democracia, nunca com as de liberal ou liberalismo. Ainda assim, quando Leão XIII autoriza o emprego da expressão democracia cristã (Enc. Diuturnae Dei: Sobre a constituição cristã dos Estados (11.11.1885), Sapientiar Christianae: Sobre os deveres dos cidadãos cristãos (10.11.1890), O FAZ FORA DE TODO SIGNIFICADO POLITICO ESTRITO, referindo-se às actividades de presença e acção social. Assim também a usa Pio X, o Papa que condenou a democracia cristã do Sillon (Carta Notre charge apostolique 25.8.1919) Cfr. Eagenio Vegas Latapie, "Democracia" em Escritos Politicos, Madrid, 1940, págs. 22-26. Veja-se também de mesmo autor Catolicismo y República, Madrid, 1936, págs. 79-82, onde cita estas palavras de Pio X: "OS VERDADEIROS AMIGOS DO POVO NÃO SÃO NEM REVOLUCIONARIOS NEM INOVADORES, MAS SIM TRADICIONALISTAS". Por sua parte Pio XII ("O problema da democracia" (21.12.1944), "Paz", "Plenitude de verdade", (21.12.1953) utilizou-a tão só, em 1944, ao defender os direitos do povo em face à tirania totalitaria, que desencadeara a guerra e continuava sendo o perigo iminente pelo crescimento do poderio sovietico. Ai mesmo, porém, o Sumo Pontifice entende por democracia O POVO ESTRUTURADO E ORGANIZADO, NÃO O PRINCIPIO DA SOBERANIA POPULAR INDIVIDUALISTA, QUE É O DOS DEMOCRATAS LIBERAIS PROPRIAMENTE DITOS. Não confunde NUNCA, como é logico, o conceito de "povo" com o de "massa" indiferenciada. Entretanto, para os Papas o liberalismo consiste essencialmente na adopção do proprio criterio como fonte da verdade, prescindindo da palavra Revelada e do Magisterio eclesiastico.

(Cfr. a Enciclica de Leão XIII, Libertas: Sôbre a liberdade humana (20.6.1888). Uma recente referência aos erros do liberalismo pode ver-se na Rádio-mensagem de Pio XII, A supranacionalidade da Igreja: "Um antiquado liberalismo quis crear, sem a Igreja e contra ela, a unidade mediante a cultura laica e um humanismo secularizado. Cá e lá, como fruto de sua acção dissolvente e ao mesmo tempo como inimigo, lhe sucedeu o totalitarismo. Numa palavra, qual há sido após pouco mais de um século o resultado de todos aquelles esforços sem a Igreja e por vezes contra ela? O túmulo da sã liberdade humana; as organizações impostas; um mundo que pela brutalidade e a barbárie, pelas destruições e ruínas, e, sobretudo, pela funesta desunião e falta de segurança, não conhecerá igual".

De forma analoga aos Pontifices, recusam os conservadores anglo-saxões o liberalismo porque desconhecem a sanção religiosa positiva, que é fundamental para a ordem moral e social. Entendem que a atitude subjectiva e racional dos liberais os faz desdenhar a tradição — essencial para o conservador — e os dispõe a aceitar toda inovação, com menosprezo à sabedoria dos antepassados.

Resumindo: a concepção do mundo própria do liberalismo está constituída por um conjunto de erros modernos, no qual confluem tanto os deístas ingleses como o racionalismo voltairiano, o romantismo sentimental e revolucionário, como o utilitarismo benthamista (Vide Christopher Dawson, Progress and Religion. An historical enquiry. Londres, 1945, págs. 17-18 e 191-192).

Os conservadores poderão, por sua vez, ser chamados democratas, desde o aparecimento dos totalitarismos. Em face à democracia totalitaria — e por contraposição a ela — os conservadores e neo-liberais falam de uma democracia representativa, caracterizada pelo ponderado equilibrio entre o poder executivo e a Câmara de representantes. Esta estrutura harmonica é, por sua vez, incompativel com o principio revolucionario da soberania popular, que um conservador jamais aceitará, embora lute para resgatar as liberdades pessoais maltratadas no predomínio absoluto do poder executivo totalitario.

O que hoje conservadores e neo-liberais chamam DEMOCRACIA REPRESENTATIVA está entre a DEMOCRACIA TOTALITARIA, por um lado, e a DEMOCRACIA ABSOLUTA DO LIBERALISMO DESINTEGRADOR, por outro. Pois, ao passo que o totalitarismo anula a representação, a democracia radical anula o poder executivo, para depositar a soberania nos deputados, mandatarios de s'a massa inorganica através do sufrágio universal.

Rafael CALVO SERER, Prólogo do livro "Crisis de la Democracia Occidental", tradução espanhola do "Public Philosophy" de Walter Lippmann.

Barcelona — Espanha, Editorial Hispano Europea, 1956.

Uma Nação se regenera somente voltando aos principios que a crearam. O Brasil "é" Monarquia tradicional e fundamentalmente.

AFIRMAÇÃO NACIONAL

O BRASIL E IMPÉRIO e como Império deve ser organizado, se é que em política a realidade importa, como efectivamente importa. Podemos repetir com Alberto Torres: — "Verdades tiradas do concreto e do vivo, as que aqui se encontram são superiores a divergências de escolas, de orientação e de sistema: são factos; e, como factos, impõem consequências, que é força aceitar.

"O nosso país precisa, de uma vez por todas, formar um espírito e uma directriz prática, que o conduza, salvando-o do atravancamento das opiniões e das tendências particularistas e sistemáticas, em que está dividido, a organizar e pôr em movimento as suas próprias forças" (O problema nacional brasileiro).

Temos, porém, de contrariá-lo porque, comparando-nos erradamente com os Estados- Unidos, diz que "não sofreram, como nós sofremos, com a vinda da casa de Bragança, nenhuma sincope de evolução política", quando a sincope foi justamente de toda a América salvo o Brasil, que continuou o seu regime como o quiseram os Ibero-americanos e até os norte-americanos, mas não o puderam e por isso aquêles, mais árdegos e individualistas do que os néo-saxões, se multipartiram em repúblicas anárquicas.

Artindo VEIGA DOS SANTOS, in "Orgânica Patrianovista",
S. Paulo, 1950.

Leiam Filosofia Política de S. Tomás de Aquino,
Idéias que marcham no silêncio e Vária Matéria,
de A. Veiga dos Santos.

REGIMENS DE MENTIRA (Concl. da 1.ª pag.)

ossos comunistas botocudos LUTAVAM "oficialmente" pelo acesso exclusivo às rádios e tevês... PN)...

Um reino de mentira perfeita, metódica, por princípio, um sistema radicalmente divorciado da relação com a verdade e que não reconheça obrigação alguma de veracidade, SERÁ UM REINO DE SATANAS. O PERIGO QUE REPRESENTA PARA O MUNDO A DESENFREADA MENTIRA POLÍTICA É GRAVISSIMO. Temos de verificar, com extremos de apreensão, que lentamente subjugada até espíritos bem intencionados, que as regras da linguagem do Crenlim, por secretas ligações, entrecruzadas vias e trabalho de agentes são acatadas inclusivamente por uma imprensa cujas tendências não são pró-soviéticas. O IMPÉRIO DA MENTIRA JÁ FUNDA COLÓNIAS.

... Quem se der ao trabalho de observar o que se passa, verá que toda a nossa vida pública está eivada de mentira e que o veneno penetrou em quase todas as artérias do grande organismo. Não queremos afirmar que a intoxicação seja incurável. Mas a primeira condição de cura será estabelecer o diagnóstico da doença. É isso o que falta. Mais do que a própria mentira, o que é de veras inquietante é a crescente incapacidade de nos apercebermos dela, e, sobretudo, da sua esterilidade. Habituar-se a ela como a um meio "normal" da luta pela vida; já quase ninguém se apercebe de que é uma blasfémia e uma ofensa a Deus, porque Deus é a verdade. Não se descobre que a mentira é um ardil de Satã. Satã, porém, é o pai de mentira e os mentirosos são seus filhos.

Anton BOHM, "Satã no mundo actual".

"Menos ricos, menos pobres!"
Seja esse o nosso lema.
Assim será resolvido
um nosso crucial problema.

A MONARQUIA E A CRISE ACTUAL

Como homenagem à Ala Europeia da nossa COMUNIDADE LUSIADA e para estímulo à Mocidade Patrianovista, transcrevemos o artigo do título supra, do sr. António de F. Ferreira, da Juventude Monárquica Portuguesa, publicado em sua "FOLHA" n. 6.

Desde 1945, ano em que a Europa abriu de par em par as portas à propaganda e infiltração marxista, o perigo de internacionalização proletária avolumou-se de tal modo que mesmo os espíritos menos esclarecidos se deram conta do seu valor positivo.

Precisamos de convencer-nos que Portugal não é de modo nenhum excepção e é por isso que temos de lutar — batalha que se não poderá ganhar, nem mesmo sustentar por muito tempo, pela ilusão do desvio oportunista, mas pela formação de mais e melhores Elites portuguesas de boa vontade; as existentes já nesse sentido têm lutado, muito embora saibamos que é coisa difícil, quase impossível, defender uma cidade sem muralhas.

Já foi dito que a república é a mãe do comunismo. Deixem-vos esta frase para sobre ela ponderardes, não a discutirei agora; direi apenas que a Monarquia é uma sólida barreira a interpor, e o muro que precisa ser edificado, isto com o ensino honesto de todos os portugueses da nossa geração para conseguirmos que deixem enfim, apenas por sistema, de ser do "contra". Creio sinceramente que isto se deve apenas à ignorância em que se acham alguns deles.

Por isso volto a salientar que a criação de verdadeiras elites orientadoras deve fazer-se desde já entre nós e por nós.

Uma implantação monárquica, não pela força, antes pela necessidade urgente e imperiosa, da situação actual, é isto que todos devem compreender e dar o justo apreço. Fazer com que todos creiam na Monarquia como sério sistema político e a desejem.

Não sou ingénuo ao ponto de ignorar a existência de interesses que se opõem; nem todos a receberão, é certo; creio até que haja indivíduos sinceros nas esquerdas. Mas nós os jovens, porque somos livres e independentes, nós poderemos levantar a campanha sem medos obtusos.

De tudo o que disse não se deve concluir que se desprezamos os ensinamentos e os frutos da experiência dos mais velhos: ao contrário; que as verdades sobre Monarquia (não as falsas idéias que ainda infelizmente se têm em alguns sectores da nossa vida nacional) sejam expostas e justificadas, melhor, explicadas por eles; a nós compete apoiá-los e ajudá-los.

Os nossos companheiros extraviados, que temos infelizmente de reconhecer como numerosíssimos, esses devem ser informados e instruídos de modo a poderem ver e a saberem distinguir o bem do mal para finalmente fazerem a acertada escolha.

Façamos também nós os monárquicos sinceros o nosso livre exame de consciência e vejamos se temos todos sempre cumprido devidamente e se sempre demos o nosso máximo à Causa que nos une. Talvez nem sempre. A união no ideal monárquico (e por este andar será cada vez menor) faz a força — formemos um só grupo.

É NA NOSSA GERAÇÃO QUE TEM DE SER FEITA A RESTAURAÇÃO.

A nossa situação internacional agravou-se já de tal modo, que sem unidade de facto dificilmente poderemos impor os nossos direitos de Nação que somos.

Temos pois, jovens, de nos erguer, o tempo urge: é agora que juntos com o Rei podemos e devemos criar uma Pátria grande à qual os nossos filhos se orgulhem de pertencer.

Idéias que marcham no silêncio — Vária Matéria — Livros de A. Veiga dos Santos. Pedidos à nossa Gerência.

"Os verdadeiros amigos do povo são os tradicionalistas, e não os revolucionários nem os inovadores", disse São Pio X. A não ser que os revolucionários actuais estejam pugnando pelos princípios tradicionais traídos pelas gerações modernas e contemporâneas.

O NOSSO ENDEREÇO
EM VIRTUDE DAS NOSSAS DIFICULDADES
COM CAIXAS POSTAIS, TEREMOS POR ENDE-
RÊÇO, ATÉ POSTERIOR AVISO, O SEGUINTE:
Rua Capitão-Mor Jerônimo Leitão, 108, sobreloja.
S. Paulo — Brasil

NAO CONSULTE CHARLATAES EM POLITICA. LEIA
"IDEIAS QUE MARCHAM NO SILENCIO", DE A. VEIGA
DOS SANTOS. — Em todas as livrarias de S. Paulo.